

## Bem-vindos ao novo normal, em que Brasil batiza tempestades

Categories : [Notícias](#)

Até que Iba não foi tão feia. A tempestade tropical formada no fim de semana (cujo nome é o sufixo para “feito” em tupi) causou mau tempo e ondas de mais de 2 metros e meio na Bahia e no Espírito Santo, mas manteve-se a distância segura do litoral, a 260 quilômetros da cidade capixaba de Linhares. Nesta segunda-feira (25), o monstro de 185 quilômetros de diâmetro e ventos de até 101 km/h começou a migrar para o sul, rumo ao Rio de Janeiro, onde encontrará águas mais frias e perderá força.

Se não causou maiores estragos em terra, porém, Iba chama atenção por sua raridade: é o primeiro ciclone tropical registrado em águas brasileiras em nove anos. E uma das raras tempestades fortes o suficiente para merecer um nome próprio.

Ciclones tropicais são tempestades causadas por água muito quente na superfície do oceano. O calor faz a água evaporar e o ar úmido subir. No alto, formam-se nuvens, que são alimentadas por mais vapor até começarem a girar e formar um “olho”. Quando seus ventos atingem mais de 63 nós (116 km/h) eles passam a ser chamados de furacões (no Atlântico), tufões (na Ásia) ou – um nome que mais confunde do que ajuda, já que vale para designar muita coisa – ciclones (na Austrália e no leste da África, como o ciclone Idai, que matou quase 500 pessoas em Moçambique na semana passada).

É comum no Brasil a formação de ciclones extratropicais, tempestades menos violentas e de estrutura diferente da dos furacões. Mas o país está fora da rota global de furacões, que abarca a região do Caribe e sul dos EUA, o Sudeste Asiático, o sudeste africano e a Oceania. Ou estava, até 2004. Naquele ano, o furacão Catarina tocou terra na região Sul, matou 13 pessoas e deixou 27 mil desabrigados. Foi o primeiro furacão registrado no Atlântico Sul. Em 2010, outro ciclone tropical, Anita, se formou, com ventos de 85 km/h – mais fracos que os de Iba.

Em 2004, como agora, o oceano estava anormalmente quente. Segundo o meteorologista Marcos Viana, do Grupo de Previsão do Tempo do CPTEC/Inpe, o mar na região em que Iba se formou está 2°C mais quente que o esperado para este período do ano. A temperatura do mar na época do Catarina tinha alteração dessa mesma ordem.

“Ciclones tropicais são tempestades causadas por água muito quente na superfície do oceano. O calor faz a água evaporar e o ar úmido subir.”

Após o Catarina, a Marinha do Brasil passou a tomar uma série de medidas para aprimorar a previsão e o acompanhamento dessas grandes tempestades. Em 2011, o Brasil passou a fazer uma coisa que os países sujeitos a furacões fazem: batizar seus ciclones.

Desde a década de 1950 os ciclones tropicais recebem nomes próprios. A tradição começou nos Estados Unidos, que precisam lidar sazonalmente com furacões. O sistema anterior, que dava um código à tempestade de acordo com suas coordenadas geográficas, era confuso demais, então o Centro Nacional de Furacões passou a usar nomes de gente – inicialmente de mulheres, como ocorre com os navios e, a partir dos anos 1970, também de homens. As listas têm sempre 21 nomes. Na eventualidade de mais de 21 tempestades nomeadas num ano, letras gregas são acrescentadas.

As tempestades são batizadas sempre que seus ventos ultrapassam 34 nós (63 km/h) e elas ganham a forma espiralada característica. Em 2018, 16 tempestades no Atlântico ganharam nomes (de Alberto a Oscar). Na temporada de 2017, uma das mais intensas da história, foram 17 tempestades batizadas, incluindo as catastróficas Harvey, Irma e Maria. Nomes de furacões mortíferos são excluídos para sempre das listas. Os outros se repetem.

No Brasil, o critério para batizar uma tempestade é o mesmo: ventos de mais de 63 km/h. A Marinha, a Aeronáutica, o Inpe e o Instituto Nacional de Meteorologia elaboraram uma lista com 15 nomes, todos indígenas. A lista se repete depois que se esgotar.

Segundo o DHN (Departamento de Hidrografia e Navegação) da Marinha, desde a criação da lista o Brasil já teve seis tempestades batizadas – todas elas ciclones subtropicais: Arani (2011), Bapo (2015), Cari (2015), Deni (2016), Eçaí (2016) e Guará (2017). Iba é o primeiro ciclone tropical nomeado segundo a nova regra.

Embora com a mudança climática seja esperado que o aquecimento do mar produza novos ciclones tropicais – e eventualmente furacões – no Brasil, não é possível saber se essas supertormentas já estão ficando mais comuns: segundo a Marinha, as boias oceanográficas existentes hoje servem para a previsão do tempo e não para estudos climatológicos. Além disso, há poucas séries longas de dados. Pelo andar das tempestades, será preciso fazer esse monitoramento. Algo difícil de imaginar hoje num país que tem ministros de Estado que negam o aquecimento global.

[\[ SVG: logo \]](#)

*Republicado do [Observatório do Clima](#)  
através de parceria de conteúdo.*

## **Leia Também**

<https://www.oeco.org.br/colunas/frederico-brandini/17080-oeco-10530/>

<https://www.oeco.org.br/colunas/jose-augusto-padua/17215-oeco-11182/>

[https://www.oeco.org.br/reportagens/1196-oeco\\_12936/](https://www.oeco.org.br/reportagens/1196-oeco_12936/)